



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o IX Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva: Compromisso da Ciência, Tecnologia e Inovação com Direito à Saúde**

**Olinda-PE, 03 de novembro de 2009**

Eu sou a testemunha mais viva de que uma parteira pode tirar um bichinho bonito assim, como eu.

Bem, eu quero cumprimentar o companheiro Eduardo Campos, nosso querido governador do estado de Pernambuco,

Minha companheira Dilma Roussef, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu companheiro Temporão, ministro da Saúde,

O nosso querido companheiro João Lira Neto, vice-governador do estado,

O deputado Guilherme Uchôa, presidente da Assembléia Legislativa de Pernambuco,

Nosso querido prefeito João da Costa, prefeito de Recife,

O nosso querido Renildo Calheiros, prefeito de Olinda,

O nosso querido companheiro José da Rocha, presidente da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – Abrasco,

Nosso companheiro Paulo Hernandes Gadelha, presidente da Fundação Oswaldo Cruz,

O José Luis di Fabio, gerente de Tecnologia, Atenção à Saúde e Pesquisa da Organização Mundial da Saúde,

Nosso querido companheiro Eduardo Freese de Carvalho, presidente da Comissão Científica do Congresso,

Nossa querida Josefa Maria Silva Santos, parteira tradicional,

Meus companheiros delegados e delegadas desse 9º Congresso da Abrasco,



Companheiros da imprensa,  
Meus amigos e minhas amigas,

Vocês não se assustem, porque o discurso parece grosso, mas é letra grande para quem usa óculos e não quer usar óculos para ler. Então, não se avexem. Calma, que daqui eu e a Dilma vamos para Londres, é mole? É mole? Enquanto isso, vocês vão para Porto de Galinhas.

Mas eu queria começar o meu discurso, que está escrito bonitinho, aqui, primeiro, pedindo um minuto de silêncio a dois brasileiros, um da Funasa, e um da Força Aérea Brasileira, que morreram, semana passada, na queda de um avião Caravan, que saiu de Rio Branco e foi para Tabatinga, no Amazonas, e caiu. O piloto conseguiu pousar no rio, nove ficaram vivos e dois morreram. E esses companheiros estavam em uma campanha de vacinação nas tribos indígenas do Norte do País, portanto, eles merecem a nossa consideração, o nosso respeito e eu queria propor um minuto de silêncio às vítimas deste incidente.

Muito obrigado, gente.

E, depois, já que nós estamos prestando homenagem ao centésimo ano de nascimento de Josué de Castro, aos 30 anos da Abrasco, a cem, sabe, pelo combate à doença de Chagas, eu queria mostrar esta foto para vocês, publicada no jornal O Estado de São Paulo, acho que no sábado ou no domingo. Quando foram fazer o socorro às pessoas que tinham caído do avião, quem estava lá? Uma perua do Samu, Humberto Costa, para recolher os companheiros. E, inegavelmente, isso é uma homenagem a você, Humberto, inegavelmente o Samu é um dos programas mais bem-sucedidos e, por isso mesmo, neste ano, vamos fazer o edital comprando mais 1.600 ambulâncias para dotar o País de condições de bom atendimento.

Bem, eu queria... Eu fico com uma vontade de fazer uma coisa, mas vou fazer outra. Eu vou ler o meu discurso aqui, que eu ganho mais. Eu não sei,



primeiro, se muita gente sabe, mas é uma criação brasileira a utilização do termo “saúde coletiva”, que está hoje presente na agenda acadêmica e política de países da América Latina, do Caribe e da África. Essa é uma forma, sem dúvida, de abordar as relações entre conhecimentos, práticas e direitos referentes à qualidade de vida. Em lugar de tradicionais contraposições “saúde pública *versus* assistência médica”, “medicina curativa *versus* medicina preventiva”, “indivíduo *versus* sociedade”, os principais termos que vêm definindo interesses gerais, hoje, são o quê? Universalidade, equidade, democracia, cidadania, entre outros, ou seja, nós demos um passo extraordinário na discussão sobre saúde no nosso país.

E foi precisamente em torno desses temas, segundo eu fui informado, que se deu a organização da Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva, a Abrasco, em 1979. Além, é claro, do desafio de formar profissionais atentos à corrente de novas ideias sobre os problemas de saúde. Alguns antigos, outros produtos de mudanças recentes nos campos biomédico, político e social.

Todos aqui sabem que a Abrasco veio fortalecendo o seu papel ao longo da década de 90, quando a maior preocupação na era da saúde era garantir as conquistas obtidas com a nova Constituição e assegurar a implementação do modelo de gestão em saúde definido pelo SUS. Hoje, está muito fácil a gente defender o SUS. Mas em 1988, quando a gente aprovou o SUS na Constituição Federal – muitos aqui não tinham nem nascido, ainda - era duro a gente enfrentar o debate, porque estávamos começando a viver um momento em que o Estado não prestava para nada, o Estado não servia para nada, o Estado só atrapalhava, e isso perdurou, praticamente, duas décadas. A chamada década do pensamento único. Agora, com essa crise econômica, me parece que o Estado voltou a ter importância, porque foram os Estados que salvaram os países mais ricos do mundo da quebradeira por conta da crise econômica.



E na questão da saúde, na questão da saúde, muitas vezes, nós fazemos uma discussão, eu diria, equivocada ou menor do que o tema da saúde precisa que seja feita. Muitas vezes nós discutimos problemas menores, nós não damos importância necessária a um direito elementar que é o de todos os brasileiros terem direito a uma saúde de qualidade. Eu, vira e mexe, participo de debate em que as pessoas falam: “O Estado não serve para nada. Eu, para ter saúde, pago o meu plano médico”. Só que essa pessoa que paga o plano médico, quando declara o Imposto de Renda, restitui uma grande parte do que pagou. Portanto, é o Estado que garante para ela a assistência médica. E assim vale para outras coisas.

Eu, por exemplo, minha querida Josefa, quando vou fazer um *checkup*... porque só rico tem *checkup*. Rico, autoridade e gente... Porque quando eu vou fazer um *checkup*, nenhum médico pergunta para mim: “Ô, Lula, você está sentindo isso? Você sente isso. O que você passou ontem?”. É uma máquina, uma fileira de máquina. Máquina um, deita; máquina dois, levanta; máquina três, faz; e máquina quatro, vai. É como... Não, obviamente que tudo chique, tudo necessário. Mas eu me sinto o próprio Charlie Chaplin, naquele filme “Tempos Modernos”. Entra... Você não tem contato, não tem mais a figura daquele companheiro que pergunta: “Escute aqui, você tem dor de barriga? A sua barriga incha, seu pé dói, sua cabeça dói?”. Não tem. Hã, Humberto? Eu falo isso porque eu vivi os dois lados. Eu sei o que é esperar sentado, com a bunda em um banco de um balcão de hospital, três ou quatro horas ou cinco horas, e, às vezes, depois que a gente está lá, dizem: “O médico não está”. Eu sei o que é isso e sei o lado do atendimento *vip* que tem um Presidente da República, eu sei os dois lados. Então, neste assunto eu falo de cátedra que ainda falta muito para que a gente possa dar às pessoas mais humildes o tratamento respeitoso que todo ser humano precisa ter no mundo. E aí, obviamente que precisa de dinheiro. Ninguém faz saúde sem dinheiro, ninguém faz saúde. De vez em quando se fala muita bobagem de dizer: “Olha...” Tem



gente que fala: “Eu vou dar...”, candidato a prefeito fala: “Eu vou dar transporte de qualidade, gratuito”. E depois percebe que não é possível. A qualidade impõe determinados custos que alguém tem que pagar. A saúde de qualidade necessita de dinheiro.

E aí a sociedade como um todo tem que se autofinanciar. Veja o que o Obama está passando nos Estados Unidos com a questão da saúde. E lá tem 50 milhões de pobres que não têm direito a nada. Ah, se tivesse um SUS nos Estados Unidos, como seria bom para os pobres. Eu, na próxima conversa que eu tiver com o Obama, eu falo: Obama, faça o SUS. Custa mais barato, é de qualidade e é universal, porque... e veja o que ele está apanhando, porque os conservadores não querem mudar nada. Ou seja, as pessoas não querem abrir um milímetro para atender a uma parte da população que não teve direito a nada. Como eu acho que o mundo vai ter que ser cada mais solidário para que a gente possa sobreviver neste planeta, porque está cada vez mais apertado, cada vez tem mais gente e cada vez tem mais problemas, eu acho que nós vamos caminhar para uma sociedade em que a gente, de vez em quando, vai abrir mão de algumas coisas nossas para que outros possam ter acesso àquilo que a gente já tem.

E a questão da saúde, veja, quando nós criamos o Brasil Sorridente... quer dizer, eu acho que o Brasil Sorridente, e eu tenho cobrado do meu companheiro Temporão, o Brasil Sorridente ainda não atingiu – viu, Humberto? – aquilo que era o nosso desejo. Porque, na medida em que a gente instalou o Brasil Sorridente nas cidades, as pessoas que moram na periferia, lá no interior, que não podem vir à cidade, até porque muitas vezes não tem ônibus, não conseguem ir ao dentista. Então, agora o nosso querido Temporão está comprando 160 peruas com laboratórios odontológicos, com protético, para a gente percorrer, sobretudo, as cidades do Território da Cidadania, que são as mais pobres do País, para ver se a gente coloca dente nas pessoas.

O Eduardo Campos sabe, aqui, na Fazenda do Trabalhador, aqui, em



Suape, tem um companheiro nosso, porreta, brigador, companheiro, vai lá em Brasília me visitar sem um dente na boca. Aí, quando ele abriu a boca para mim, eu falei: “Eduardo, pelo amor de Deus, esse companheiro não pode nem comer um amendoim, mais! Tem Brasil Sorridente lá, vamos levar esse companheiro, vamos levar esse companheiro”. Levou. Levou o companheiro, colocou uma prótese especialíssima, ele, agora, já está comendo amendoim e já pediu um carro, não quer mais dente, não, agora ele quer um carro.

Esses dias, eu fiquei indignado, porque nós fizemos uma revista bonita, do Ministério do Desenvolvimento Agrário para levar para a Europa, traduzida. E tem um casal bonito trabalhando na roça, e aparece um companheiro, uma figura humana belíssima, sorrindo, sem um dente na boca. Eu falei: “Companheiro, não é possível que a gente não... antes de tirar a foto, não mandou consertar, arrumar”. Porque tem gente que acha que pobre gosta de ser banguela.

Então, essa é uma coisa que nós ainda temos que avançar. E, muitas vezes, não basta ter dinheiro, esse é o problema, é que não basta ter dinheiro. É preciso ter um conjunto de cabeças pensantes e uma palavra nova que eu vou criar: um conjunto de pessoas executantes para que as pessoas possam dar certo. Porque, também, no País, entre você pensar e fazer fica mais fácil atravessar o Oceano Atlântico a nado e ir para a África. Não é uma coisa fácil.

As farmácias populares estão funcionando, já temos quinhentas e poucas farmácias populares; já tem mais 9 mil que são aquelas farmácias populares, mas que são convênios com farmácias particulares, já temos 9 mil; se tivesse um pouco mais de dinheiro, a gente ia colocar um pouco mais de farmácia e um pouco mais de remédio. Porque a gente também só pode dar o passo de acordo com a abertura da perna, senão a gente quebra.

A gente fez o PAC da Saúde e eu tinha um sonho, que era levar saúde para a escola. Eu queria que toda criança que começasse a estudar, a própria professora pudesse fazer o teste da tabela para saber se a criança estava



enxergando bem ou não. Eu queria que duas vezes por ano passasse um dentista na escola para ver a boca das crianças, para educá-las, para dar um *kit*. Nós levamos quantos anos para poder fazer o pregão do *kit* odontológico, *kit* bucal? Mais de dois anos, ou quase três anos. E nós não conseguimos levar a saúde para a escola como nós queríamos. Porque, às vezes, a criança não aprende porque tem um problema, e, sobretudo, problemas de visão, que a pessoa não sente dor, a pessoa vai acostumando com outro olho e tal. Daqui a pouco vai fazer um exame mais apurado e descobre que a pessoa está com problema no olho. Você pode descobrir isso logo no início, e aí precisa de dinheiro.

Mas, aí, houve gente que achando que era demais dar R\$ 40 bilhões para um governo, por ano, seriam R\$ 120 bilhões em quatro anos, dos quais mais da metade seria gasto com a saúde, preferiram: “Vamos prejudicar o Lula”. E não me prejudicaram, prejudicaram uma parte muito grande da sociedade brasileira que não tem dinheiro para pagar plano médico, portanto não restitui do Imposto de Renda, e que precisa da saúde pública. Ao mesmo tempo, o Eduardo disse bem, é preciso saber quantos governadores do Brasil estão colocando na saúde aquilo que a Constituição garantiu que tem que por, que é 12%, ou quanto a cidade tem que por. Porque, cada um... Se o cidadão começar a colocar quadra de esporte como dinheiro na saúde, aí vai ficar difícil. Por isso nós estamos querendo regulamentar a Emenda 29 e não é muito fácil.

Bem, eu queria dizer para vocês que eu fiquei feliz porque o tema deste Congresso “Compromisso da Ciência Tecnológica e Inovação com Direito à Saúde” é uma das bandeiras que o nosso governo tem se empenhado em defender e implementar. Estamos investindo como nunca em ciência. Só no PAC da Ciência e Tecnologia são R\$ 41 bilhões até o ano que vem. Somente na área da saúde, ou melhor, somente na área de ciência e tecnologia, com o



objetivo de garantir a inovação para melhorar, também, a qualidade da saúde das pessoas neste país.

Na área da assistência farmacêutica, por exemplo, o financiamento para o setor, que era de 1,9 bilhão, em 2003, passou a R\$ 5,9 bilhões, agora em 2009. Implementamos, ainda, essas coisas que vocês já sabem, da farmácia popular, o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Investimos, também, R\$ 524 milhões em cerca de 3 mil pesquisas científicas e tecnológicas na área da saúde, realizadas em mais de 400 instituições de ensino e pesquisa entre 2003 e 2008. No que diz respeito à inovação, o DST/Aids e os dias nacionais de vacinação são exemplos que deram certo, que temos reforçado muito e que vêm inspirando iniciativas semelhantes em vários países.

Apesar de tudo isso, é preciso reconhecer que as chamadas doenças negligenciadas dengue, doença de Chagas, esquistossomose, hanseníase, leishmaniose, malária e tuberculose ainda significam um grave problema no nosso país, mas, felizmente, estamos avançando. Investimos R\$ 95 milhões para financiamento de 460 pesquisas voltadas ao combate e prevenção dessas doenças. Temos avançado, também, na produção de medicamentos hemoderivados. Serão aplicados R\$ 550 milhões em obras e compras de equipamentos para a instalação da fábrica da Hemobrás, aqui, em Goiana, que está atrasada. É importante lembrar que está atrasada, viu, Temporão? Eu já vim a Goiana há dois, três anos, quer dizer... De vez em quando eu penso que eu venho inaugurar a fábrica, ela nem começou ainda. Então, é preciso ver quem está cuidando disso e dar um puxão de orelha, porque você vai colocando o dinheiro à disposição, depois as coisas não acontecem. É preciso saber porque atrasou tanto. Já faz tanto tempo que não lembro a data que eu vim a Goiana, junto... O Humberto ainda era ministro quando eu vim anunciar isso e me parece que andou pouco, andou pouco. Então, é preciso correr atrás porque o mandato termina dia 31 de dezembro do ano que vem, para ver se a



gente deixa, pelo menos, as coisas bastante engatilhadas.

Só para vocês terem ideia, hoje, o Brasil gasta R\$ 1 bilhão com a importação de medicamentos derivados de sangue. Essa fábrica vai poder nos dar uma mão extraordinária e a gente não precisar importar mais. Eu quero lembrar também que o Brasil será sede da I Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento de Sistemas Universais de Seguridade Social, que será realizada em 2010, em Brasília. Para o nosso país, será uma grande oportunidade de participar de debates de alto nível sobre uma seguridade social universalizada e abrangente, com seguridade econômica de acordo com os princípios da Constituição de 88.

Bem, meus companheiros e minhas companheiras, eu queria, agora, dizer para vocês o seguinte: primeiro, a homenagem que vocês deram neste Congresso ao Josué de Castro. Acho que pouca gente, neste país, teve a coragem que teve o Josué de Castro de levantar o tema da fome, como ele levantou. Porque muitas vezes, no País, cuidar de pobre é assistencialismo, para outros é populismo. São temas que, muitas vezes, mesmo, Eduardo, quando, em reuniões que a gente faz, nos setores de esquerda da sociedade, as pessoas estão acostumadas a discutir outros temas, esse negócio da fome é quase que “uma coisa piegas, isso é populismo barato, isso é assistencialismo”.

E eu acho engraçado, porque as pessoas que falam não conhecem o que é a fome. Porque eu duvido que um cidadão que viu a lombriga maior comendo a menor, aquele barulho infernal no estômago da gente, uma dor infernal, um gosto de azedume na boca, que uma pessoa pudesse ser contra um tipo de política que levou o Josué de Castro a ser a figura importante que ele foi, que poderia ter sido indicado Prêmio Nobel, mas, sobretudo, que poderia ter deixado seguidores da luta dele, mas nós sabemos que nem sempre, no regime autoritário, a gente tem seguidores imediatos, ou seja, às vezes demora um pouco para as pessoas defenderem as boas causas.



De qualquer forma, eu acho que nós estamos fazendo, hoje, aquilo que Josué de Castro imaginava que pudesse ser feito naquele tempo. Não foi possível, a conjuntura política não permitia, a sociedade talvez não entendesse, como entende hoje, e eu acho que hoje nós poderemos homenageá-lo aqui, com a dimensão e a grandeza do que esse homem representou para o nosso querido Brasil.

Ao mesmo tempo, também hoje faz quarenta anos que morreu um outro brasileiro importante. É importante, Carlos Marighella também foi assassinado há quarenta anos. E eu fico pensando que nesses congressos, de vez em quando, a gente tem que lembrar as figuras que fizeram alguma coisa importante no nosso país, porque nós somos um país sem muitos heróis, nós não temos muitos heróis. Talvez porque nós fomos sempre colonizados, e colônia não pode ter herói. Nós temos vergonha de reconhecer os nossos heróis, não é? E eu acho que nós precisamos fazer de todas as pessoas que tentarem em algum momento construir alguma coisa importante, a gente não ter vergonha de começar a criar os nossos heróis. Porque senão as pessoas vão morrendo, vão ficando despercebidas, daqui a pouco, para nós, só é herói aquele que está na novela e morre. Como a novela termina a cada nove meses, oito meses, e se cria herói todo ano, a gente fica com uma quantidade de heróis muito pulverizada. E quem tem muitos heróis não tem nenhum. Tem que ter poucos, mas de qualidade, e nós precisamos selecioná-los.

Bem, eu queria terminar dizendo para vocês, companheiros e companheiras da área da saúde... Eu vi tanto papel levantado que eu confesso que a minha cabeça não conseguiu enquadrar todas as reivindicações de vocês. Eu acho que... eu sou daquela tese de que não tem tema proibido. Eu nasci no movimento sindical vendo a briga entre sanitaristas e os médicos brasileiros. Os médicos achavam que os sanitaristas não eram médicos, e isso foi “cacete” e mais “cacete” por este país afora. Porque sempre tem o dono da verdade, aquele que acha que é mais do que o outro. Eu acho que não existe,



na verdade, nenhuma moeda no mundo com um único lado. É preciso construir os dois lados, acho que cada função tem sua importância, tem sua especificidade. Nós precisamos fazer uma discussão... Eu estou me interessando agora, falei com o Temporão, estou me interessando por esse negócio do ato médico. Eu quero compreender, eu só quero compreender, eu quero compreender. Veja, eu não quero fazer injustiças, mas eu quero compreender, perfeito, o que está em jogo. Porque, depois que eu cheguei à Presidência da República... Quando eu era só presidente do Sindicato de São Bernardo do Campo, não tinha coisa melhor do que a luta das corporações. Mas quando você vira presidente da República, que você tem que ficar lidando com muitos lados, aí eu comecei a perceber que é preciso que a gente tome muito cuidado em transformar corporações em coisas muito poderosas, cerceando as coisas. E eu falo isso com a clareza de um senhor de 64 anos de idade, que reconhece o valor de cada área, de cada função.

Mas, eu lembro que um dia eu fui convidado para um debate no Rio de Janeiro, sobre religião, era campanha política. E, de repente, um pastor evangélico, ele foi tão nervoso comigo, ele tinha tanta razão e tanta verdade na cabeça dele, que ele estava condenando não apenas a igreja católica, que ele já “dava de barato”, ele condenava também tudo que era religião afrodescendente. E eu me assustei, porque ele foi tão agressivo na pergunta, tão nervoso na pergunta, que eu falei: “Meu filho, foi por causa de um cara como você, foi por causa de um comportamento desses que Herodes teve, que mandou matar toda criança que nasceu, pensando que ia matar o Menino Jesus”. Então, vamos devagar com essas verdades absolutas, vamos devagar.

Eu posso dizer para vocês o seguinte: eu, naquela cadeira de Presidente, não consegui fazer tudo o que eu queria, mas que a gente aprende como nunca, a gente aprende. Porque ali a gente não “acha”, ali a gente não fala “eu acredito”, “eu penso”. Ali, ou você faz ou não faz. Ali, é “pão, pão, queijo, queijo”, ali é “pão, pão, queijo, queijo”, para o bem ou para o mal. Você



tomou a decisão, está tomada, e fim de papo.

Então, eu quero discutir com mais, eu diria, Temporão, com um pouco mais de carinho essas coisas, para a gente evitar que aconteçam os absolutismos das corporações e muitas coisas que têm no Brasil. Quem tiver razão, a gente vai tentar cuidar de reparar. Quem tiver razão, a gente vai cuidar de reparar, tem sempre um jeito de conversar com um ou com outro. E eu sou um homem do diálogo, portanto eu estou disposto a construir a afirmação de uma coisa sem negar a outra. Ou seja, eu acho que o Brasil precisa disso, e nós precisamos construir.

E eu queria desejar para vocês o seguinte: é que vocês pudessem, é que vocês pudessem, em um Congresso como esse. Sabe, aqui é uma coisa, de coração, que eu peço para vocês: é que vocês façam o debate, levistem as corporações, o que quiserem, mas dediquem um pouco deste Congresso para pensar neste país, para pensar nos outros, não para pensar em quem está aqui, para pensar em quem não está aqui. Sabe por que eu acho importante? Nós temos uma questão séria, hoje, no mundo. Não é uma questão brasileira, uma questão americana ou uma questão francesa, ou uma questão boliviana, que é a questão das drogas. Está ficando claro que do jeito que nós tratamos as drogas até agora não está resolvendo o problema. O que nós estamos vendo é cada vez mais jovens utilizando drogas mais fortes, ou seja, dizem que o crack é uma espécie de borra da cocaína, é a sobra, é aquilo que não presta da cocaína. E nós sabemos dos efeitos nefastos que o crack está fazendo na periferia deste país afora, nós sabemos. E, possivelmente, nem o governo, nem vocês, individualmente, nem o ministro da Saúde possam ter ainda uma certeza de como tratar isso. Mas o dado concreto é que o problema está ficando sério, porque senão fica muito fácil para um país rico dizer que está combatendo a droga, manda colocar uma base militar na Colômbia.

Eu falei com o presidente Obama e quando eu propus a criação do Conselho de Defesa da América do Sul é porque nós temos que cuidar da



questão do tráfico de drogas no nosso continente. E aí os países ricos poderão cuidar dos seus viciados internos e aí resolverá o problema. Se não tiver viciado, não tem mercado para vender. É preciso cuidar e eu gostaria que vocês, não hoje, obviamente, mas que em um outro Congresso, que a gente pudesse colocar este tema como um tema para a gente aprofundar. Aprofundar, porque eu tenho certeza de que, talvez, na cabeça de vocês tenham ideias importantes que a gente possa aproveitar.

No mais, eu quero, do fundo do coração, desejar à Abrasco boa sorte e a vocês boa sorte, que Deus abençoe todos vocês neste Congresso.

(\$211A)